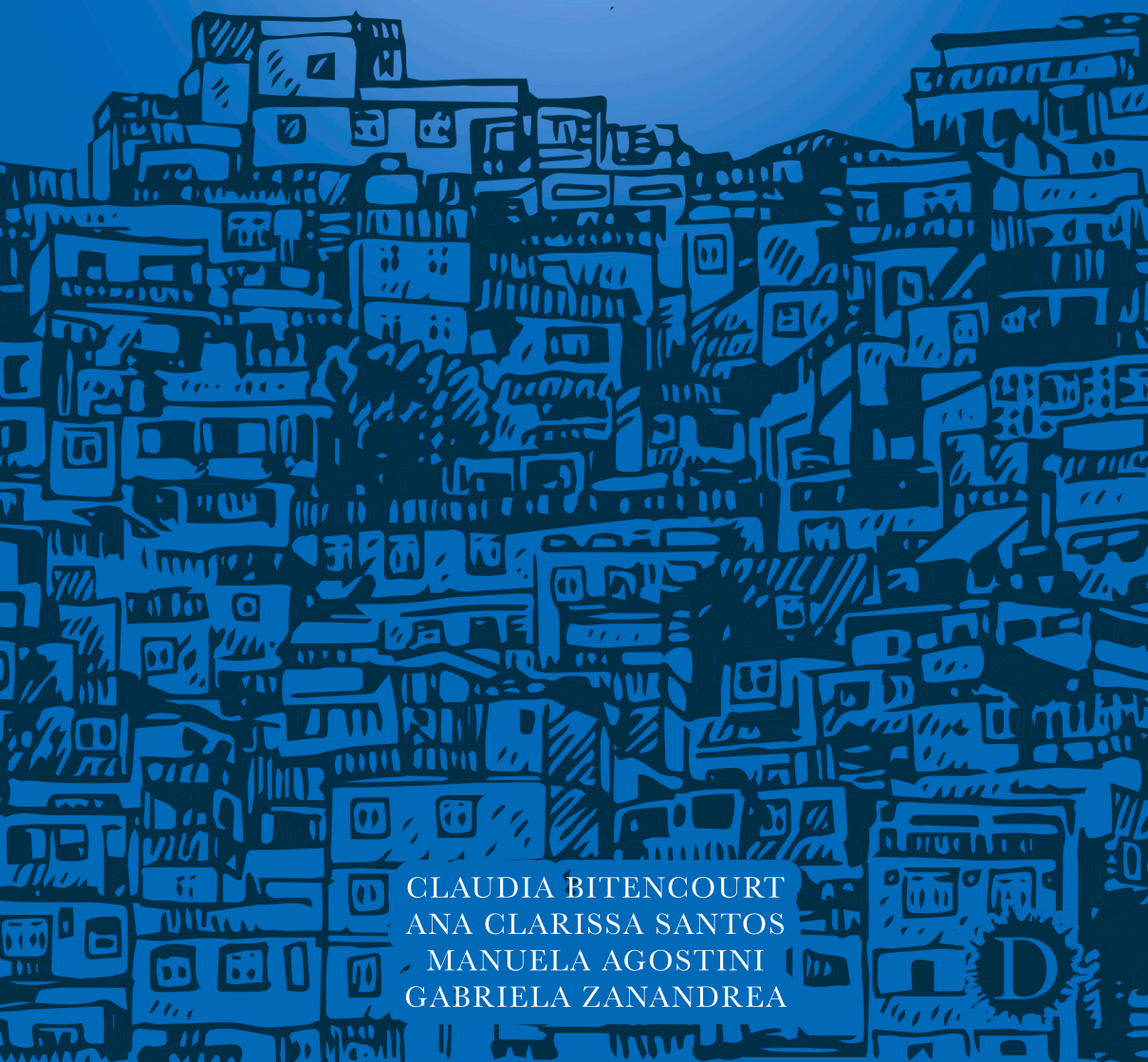


DESVENDANDO A INOVAÇÃO SOCIAL

CASOS DE ENSINO



CLAUDIA BITENCOURT
ANA CLARISSA SANTOS
MANUELA AGOSTINI
GABRIELA ZANANDREA

DESVENDANDO A
INOVAÇÃO SOCIAL
CASOS DE ENSINO





Editor

Cassiano Calegari

Conselho Editorial

Dra. Janaína Rigo Santin
Dr. Edison Alencar Casagrande
Dr. Sérgio Fernandes Aquino
Dra. Cecília Maria Pinto Pires
Dra. Ironita Policarpo Machado

Dra. Gizele Zanotto
Dr. Victor Machado Reis
Dr. Wilson Engelmann
Dr. Antonio Manuel de Almeida Pereira
Dr. Eduardo Borba Neves

Editora Deviant LTDA

Rua Clementina Rossi, 585.
Erechim-RS / CEP: 99704-094
www.editoradeviant.com.br



O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001



INSTITUTO FEDERAL
Rio Grande do Sul

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus Sertão, Sertão, Brasil



Claudia Bitencourt
Ana Clarissa Santos
Manuela Agostini
Gabriela Zanandrea
Orgs.

DESVENDANDO A
INOVAÇÃO SOCIAL
CASOS DE ENSINO



Editora Deviant
2022

Copyright © Editora Deviant LTDA

Categoria: Direito

Produção Editorial
Editora Deviant LTDA

Todos os Direitos Reservados

ISBN
978-65-89033-03-5

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

B624 Bitencourt, Claudia

Desvendando a Inovação Social Casos de Ensino / xxx -
Erechim: Deviant, 2022.

343 p. 23 cm.

ISBN: 978-65-89033-03-5

1. Sociologia e antropologia. I. Título.

CDD 301

Caso 1

UM ESPAÇO RESSIGNIFICADO PARA A CIDADE

Marcia Santos da Silva

Karen Frances Medroa

Antonia Wallig

Ana Clarissa Matte Zanardo dos Santos



“O que você faria se recebesse de herança um conjunto arquitetônico em péssimas condições em uma cidade com a qual você tem pouquíssima relação?”

Boa pergunta, não é?!”

Meu nome é Antonia e, junto com a meu irmão, recebemos uma herança na cidade de Porto Alegre, por parte de nossa mãe. Era 2009, eu morava em Florianópolis, e João, meu irmão, em São Paulo. Vínhamos a Porto Alegre apenas nas férias, para visitar nossos parentes. Quando soubemos que este conjunto arquitetônico fazia parte da herança, ficamos sem saber o que fazer no primeiro momento. Mas, com o tempo e um pouco mais de conhecimento sobre o que o lugar significava, entendemos que tínhamos uma oportunidade de fazer a diferença no mundo e começamos a pensar nas possibilidades que existiam. Era um desafio gigante... tão grande quanto o potencial de fazer algo muito significativo!

1 OS “PREDINHOS DO LUTZENBERGER”- A HISTÓRIA DAS PESSOAS E O VALOR HISTÓRICO PARA A CIDADE - PATRIMÔNIO PRIVADO COM FINALIDADE PÚBLICA

Quando chegamos ao local para conhecer o imóvel, duas percepções distintas se fizeram presente: encantamento e desespero. Apesar do estado de abandono, do descaso e de como o prédio estava degradado, apaixonamo-nos já no primeiro dia pela estrutura, pelo lugar e pela história; chamamos carinhosamente de “Predinhos do Lutz” por conta do engenheiro-arquiteto José Franz Seraph Lutzenberger que projetou o imóvel em 1928.

Na época, meu irmão, arquiteto em formação, soube que alguns projetos acadêmicos já haviam sido feitos sobre essas edificações. Fomos à biblioteca da PU-CRS pesquisar e encontramos materiais muito instigantes. O conjunto arquitetônico é formado por dois prédios de três pavimentos de estrutura mista (alvenaria e concreto armado), um galpão de alvenaria e um pátio interno, contando com mais de 2.300m² construídos em um terreno de 1.415m². A finalidade inicial do conjunto arquitetônico era abrigar casas de aluguel para os trabalhadores do bairro Floresta que, junto aos demais bairros do 4º Distrito de Porto Alegre, formavam, na época, um polo comercial e industrial na região. As unidades do imóvel tiveram, também, diversas ocupações, o galpão, por exemplo, foi projetado originalmente como uma cavalaria e, posteriormente, abrigou uma fábrica de cinzeiros e de ladrilhos hidráulicos. Descobrimos, também, que as edificações são listadas como de interesse cultural no inventário de patrimônio edificado do município. Isso quer dizer que, as reformas não precisam seguir padrões de tombamento⁵, mas as fachadas e a volumetria devem ser preservadas.

⁵ O **tombamento** é o ato de reconhecimento do valor histórico, artístico ou cultural de um bem, transformando-o em patrimônio oficial público e instituindo um regime jurídico especial de propriedade, levando em conta sua função social e preservando a cédula de identidade de uma comunidade e, assim, garantindo o respeito à memória do local e a manutenção da qualidade de vida. Um bem histórico é tombado quando passa a figurar na relação de bens culturais que tiveram sua importância histórica, artística ou cultural reconhecida por algum poder público (federal, estadual ou municipal) através de seus respectivos órgãos de patrimônio. (Fonte: SECC – Secretaria Estadual da Comunicação Social e da Cultura Patrimônio Cultural. Tombamentos – conceitos . Paraná. Disponível em: <https://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=4.>)

Apesar do risco decorrente do estado de conservação do local, algumas famílias ainda residiam no imóvel e esse foi o primeiro desafio a ser enfrentado. Em parceria com a Defesa Civil, as pessoas foram realocadas, com todo cuidado e atenção às suas realidades. Começamos, então, um longo processo de recuperação material e imaterial. Foram iniciadas as primeiras reformas emergenciais para evitar desabamentos e problemas elétricos e hidráulicos mais severos. Também iniciamos a trajetória de recuperação da história das pessoas que viveram ou trabalharam ali e do próprio conjunto arquitetônico enquanto patrimônio histórico da cidade.

O que queríamos com isso? Ocupar este espaço (Figura 1) de forma relevante para a comunidade do entorno e para a cidade, mantendo vivo esse patrimônio que conta um pouco da história de muitos e muitas de nós.

Figura 1 - Parte do Conjunto Arquitetônico



Fonte: Folha de São Paulo (2016, não paginado)

Foram dois anos de obras para evitar o colapso estrutural, além das buscas para conhecer experiências nacionais e internacionais de ocupação de espaços privados com finalidade pública. Como queríamos manter a história do conjunto, partimos, também, para intensas pesquisas de referências sobre a história do imóvel e das pessoas que lá viveram e trabalharam.

A partir das nossas atuações profissionais como família, começamos a sonhar com um projeto coletivo. Na época, eu havia ingressado no mestrado em Artes Visuais e a minha pesquisa teve como base os processos artísticos colaborativos e a arte relacional. Meu irmão havia fundado junto com seus colegas a Goma Oficina,

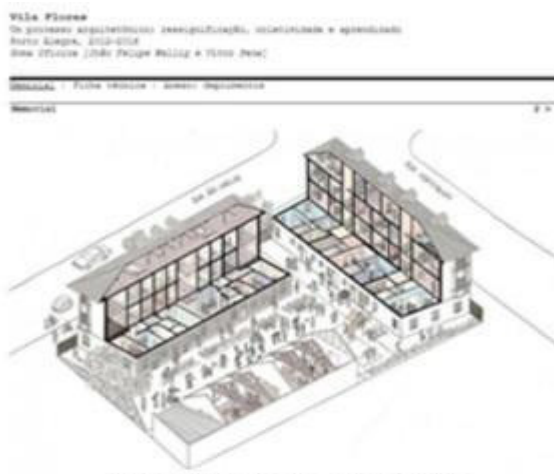
uma plataforma de arquitetura colaborativa. Junto ao nosso pai, com seu conhecimento em administração e nossa “boadrasta” que é *designer*, fizemos os primeiros esboços do que poderia ser esse lugar, que abrigaria muita arte, educação, processos comunitários e experiências transformadoras. Decidimos que iríamos nos dedicar juntos a fazer este projeto florescer.

Assim, surgiu o DNA colaborativo do Vila Flores. Muitas pessoas de diversas áreas de atuação e de conhecimento (ex-moradores, vizinhos, agentes públicos, artistas, estudantes, professores, historiadores, arquitetos, entre outros) começaram a frequentar o canteiro de obras e a sonhar junto com a gente esse espaço para a cidade. A ideia de um centro cultural começou a tomar força e muitas pessoas foram se apropriando e se engajando à proposta.

2 A RECUPERAÇÃO DOS ESPAÇOS

Entre 2011 e 2013, os primeiros espaços começaram a ser restaurados (Figura 2), envolvendo pessoas com conhecimentos variados juntamente com a minha família, trabalhando a partir de um projeto arquitetônico amplo, que priorizava a diversidade de usos e gerando condições para uma ocupação continuada e pulsante, potencializando um espaço coletivo e dialógico com o entorno.

Figura 2 - Planta do Conjunto Arquitetônico: apresentando os espaços a serem restaurados



Fonte: Folha de São Paulo (2016)

Foi em dezembro de 2012 que fizemos a primeira chamada oficial para que o público pudesse conhecer (ou reconhecer) “os predinhos de Lutzenberger”. Como não morávamos na cidade há bastante tempo, contamos com a ajuda de entusiastas do projeto para convidar quem poderia se interessar em participar, especialmente os vizinhos e a comunidade criativa da cidade. Era um momento crucial de sensibilização para a preservação do patrimônio histórico, já que muitas edificações da cidade estavam sendo demolidas. A nossa decisão familiar em preservar “os predinhos” só se fez possível por uma grande mobilização coletiva e cidadã.

A articulação de todas essas pessoas foi muito importante, pois, quando tudo ainda parecia apenas ruínas, elas vislumbraram que a proposta poderia trazer impacto positivo para o bairro e para a cidade, criando espaço de convívio e de diálogo. A presença de grupos e projetos artísticos também foi crucial para que, desde o início, pudéssemos pensar o uso do espaço a partir da perspectiva coletiva, com base na arte e da sua relação com o território. No dia 19 de dezembro de 2012, consideramos a criação do Vila Flores. Estavam presentes o coletivo Geodésica Cultural Itinerante, da UDESC, o grupo de pesquisa Transitar da UFPEL, o Projeto Vizinhança de Porto Alegre, a Goma Oficina de São Paulo e muitos vizinhos

que também são artistas, poetas, arquitetas e arquitetos, comerciantes da região e professores. Um entusiasmo tomava conta de todos. Colocamos a maquete do prédio em uma mesa bem no centro do galpão. Mais de 100 pessoas passaram por lá, para conversar, colaborar com suas ideias e participar das atividades propostas para o dia: construção de hortas verticais, *grafitti* e visita guiada sensorial pelo espaço.

Um ano depois, em dezembro de 2013, houve o grande marco: o “I Simultaneidade” (Figura 3), que foi um dos momentos mais significativos, pois mostrou todo potencial do prédio como embrião de um coletivo criativo que abriu as portas para a comunidade. O evento recebeu 63 artistas e cerca de 1.500 visitantes em uma variedade de atividades culturais gratuitas, durante um final de semana. Nesse momento, o Vila Flores pode ser celebrado como um espaço cultural e núcleo de práticas colaborativas da cidade de Porto Alegre.

Figura 3 - I Simultaneidade



Fonte: Vila Flores – Slideshare (2014, não paginado)

A partir do Simultaneidade, muitas pessoas e coletivos sentiram vontade de ter os seus ateliês e os espaços de trabalho ali instalados, mesmo observando que o espaço ainda demandaria várias reformas e adaptações. Muitos deles se engajaram nas reformas, investindo recursos para melhorias do espaço que gostariam de utilizar, tendo como contrapartida descontos no aluguel. Era quase como se o prédio fosse um ser vivo, porque as pessoas estavam ali, todo tempo, reconstruindo e redesenhando.

Uma decisão muito importante foi mantermos espaços de uso coletivo, que seriam usados por todos e para receber o público. O galpão, o pátio e o miolo foram

então destinados para reuniões, encontros, eventos, exposições, espetáculos e oficinas. A reforma desses espaços comuns, também foi compartilhada, pois, conforme as atividades ocorriam ali, iam deixando melhorias, como um legado do coletivo. Muitos foram os exemplos: o que era produzido nas oficinas de mosaico ou de paisagismo ia transformando o espaço, parte dos valores arrecadado em eventos era destinado para este fim, em um processo de troca. As pessoas usavam o espaço para as atividades e deixavam algo que, até hoje, transforma o ambiente coletivo.

3 CHEGOU O TEMPO DE O COLETIVO FLORESCER

Muitas coisas incríveis aconteceram no Vila depois da sua criação. Vou tentar fazer uma linha do tempo para que você possa entender um pouco do caminho que percorremos.

Em 2013, batizamos o espaço de Vila. Vila, porque acreditamos que é nas Vilas que se cria um senso de comunidade verdadeiro, de cuidado mútuo e colaboração; onde se encontra sentido para a palavra vizinho e se acolhe as vulnerabilidades de quem está por perto, para que todos possam crescer juntos. Flores, para homenagear nossa avó Maria Luiza Flores que foi museóloga e teve uma atuação muito forte na promoção da cultura em Porto Alegre. Com a adoção desse nome, as pessoas que tinham suas iniciativas no espaço passaram a se autodenominar “Vileiros” e tinham, como característica comum, a intenção de colaborar com os demais e de contribuir para a transformação social. Além do nome, definimos os pilares de atuação do coletivo: (a) arte e cultura, (b) arquitetura e urbanismo, (c) educação e (d) empreendedorismo social e criativo. Para os Vileiros, é muito importante criar espaços de convívio e troca de saberes, promovendo o acesso a todas as pessoas, as que estão perto, as que vem de mais longe e que, independentemente de onde estejam, onde vivem e a realidade social em que vivem, possam ter acesso à arte, à cultura e ao empreendedorismo social e criativo e o direito à cidade.

Em 2014, o Vila já contava com 22 iniciativas e foi assim que fundamos oficialmente a Associação Cultural Vila Flores. Essa instituição cuida, hoje, de toda a programação cultural do espaço promove a articulação entre Vileiros e o entorno, desenvolve projetos baseados nos pilares de atuação definidos pelo coletivo, par-

ticipa de editais nacionais e internacionais e faz a comunicação interna e externa do Vila.

Em 2015, aconteceu o “II Simultaneidade”, que passou a ser considerado a Bienal do Vila Flores. Foi um momento no qual refletimos sobre as trocas de saberes e ações colaborativas. Os Vileiros realizaram exposições, intervenções artísticas, rodas de conversa, oficinas, apresentações musicais e teatrais inspiradas na perspectiva de revitalizar as relações cotidianas, ativar memórias e reinventar usos, permanências e vivências da cidade. No ano seguinte, além do reconhecimento internacional das ações de revitalização do patrimônio histórico com as obras materiais no conjunto arquitetônico, iniciamos os projetos junto à comunidade do entorno, como o “De Vila a Vila”, na Vila Santa Terezinha. Em 2016, também realizamos o nosso primeiro projeto com recursos provenientes do FAC, o fundo de apoio à cultura, da Secretaria de Cultura do Estado do RS, o projeto “Vila Flores, uma Experiência Aberta”, promoveu diversas atividades culturais gratuitas e transdisciplinares.

O Vila estava crescendo e, em 2017, já contava com 36 iniciativas. Nesse ano, mantendo a tradição, realizamos a 3ª edição do Simultaneidade com o tema Transvercidade. Nosso desejo era mostrar que a cidade que se sonha e se quer já estava sendo colocada em prática com a união de muitas mãos, ideias e ações, mas que ainda havia muito para se refletir e reivindicar. Entendemos as edições do Simultaneidade como marcos de reflexões e mudanças, além da reafirmação de propósitos, construindo as ações dos anos seguintes a partir das percepções e vivências ocorridas durante os eventos.

Um ponto marcante, em 2018, foi a produção e lançamento do Webdocumentário Vila Flores – Território e Memória, fruto do trabalho de uma equipe multidisciplinar de Vileiros, que se empenharam em contar a história do coletivo que proporcionou, a todos os envolvidos, um exercício de entendimento de muitos aspectos que compõem sua trajetória: físicos, humanos e contextuais. Foi um processo de consolidar o Vila como um ambiente de experimentação seguro e acolhedor, com outros tempos e olhares, e que tem a missão de inspirar e conectar as pessoas entre si e com um outro mundo possível, muito diferente do comum. O ano de 2018 também marcou o início de um projeto muito especial para nós, o

Skate na Vila, realizado a partir da construção de uma pista de skate na Vila Santa Teresinha, em parceria com o Centro Social Marista Irmão Antonio Bortolini.

Em 2019, o Vila contava com 43 iniciativas. Realizamos a 4ª edição do Simultaneidade, com o tema Arte e Ativismo, promovendo uma profunda reflexão sobre a arte como ferramenta de conscientização e transformação social. Foram dois dias de oficinas, rodas de conversa, cine debates, intervenções, shows e exposições. As atividades abrangeram artes visuais, literatura, música, educação, sustentabilidade e patrimônio histórico. Essa edição reconheceu que os cidadãos precisam ser mais ativos na busca pela sociedade que querem e que a arte é uma potente ferramenta de conscientização e transformação social. Esse ano também foi marcado pelo projeto Lab Vila Flores, que atendeu a 350 alunos do ensino fundamental das escolas municipais, com atividades culturais diárias, através de um convênio com a Secretaria Municipal de Educação.

E chega o ano de 2020 e, com ele, a pandemia do COVID-19 trazendo inúmeros desafios. Precisamos criar meios de apoiar a comunidade do entorno que, como muitos outros territórios em todo o Brasil, sofreu com a redução de emprego e renda, além do limitado acesso às condições de higiene e à saúde. Desenvolvemos ações de apoio aos catadores de recicláveis e moradores de rua para que tivessem condições de higienizar as mãos e receber alimentação. Mobilizamos pessoas, por meio de campanhas, para arrecadação de alimentos, roupas, máscaras, material de higiene e limpeza e distribuimos com o apoio da rede de parceiros. Também tivemos que pensar meios de apoio mútuo interno, pois muitos Vileiros tiveram que parar suas atividades com a política de isolamento social e suspensão de atividades que envolvessem grupos de pessoas. A migração para atividades virtuais e a mobilização de recursos para a sustentabilidade das atividades e da estrutura também foram desafios e proporcionaram um grande aprendizado. Criamos um banco de contrapartidas, para que parte dos valores de aluguel pudesse ser pago em produtos ou serviços de Vileiros que enfrentaram maiores dificuldades financeiras nesse período.

Destaco que nossa prática de planejamento, que já fazia parte do processo de gestão, contribuiu fortemente para que conseguíssemos perceber e responder às demandas do entorno, mobilizar recursos variados e estreitar relações com parceiros e financiadores, gerando aportes significativos para projetos que produziram

impacto social para o território. Muita criatividade e amor foram necessários para dar conta desse período tão complexo! Mas o que fica deste momento é a consciência de que o Vila é um ecossistema potente, pois permite ouvir todos os envolvidos, buscando “externalizar o interno e internalizar o externo”.

4 UM OLHAR PARA AS RELAÇÕES INTERNAS: HABILITANDO-SE PARA A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Uma das certezas das pessoas que se envolvem com o Vila é: este é um espaço que conta com claro comprometimento e intencionalidade de ser um espaço relevante para a cidade, aberto e inclusivo, fomentando a vivência concreta da diversidade e da colaboração. Ao longo do tempo, desenvolvemos estratégias e ações que buscam o bem-estar dos Vileiros, do coletivo e dos grupos da comunidade do entorno. Nós sabemos que as pessoas aderem a uma iniciativa por diversos motivos e que estes objetivos são complementares, mas só conseguimos nos preparar para promover a transformação social quando compartilhamos conhecimento e, coletivamente, geramos valor social. Nesses processos, com práticas colaborativas, todos ganham.

5 EVOLUÇÕES NA GOVERNANÇA

Nós entendemos que o Vila é multifacetado por natureza, pois não se refere somente ao espaço físico, mas também às pessoas que ocupam o espaço. Além disso, sabemos que colaborar também é um processo de aprendizagem e de geração e compartilhamento de valor e sentido. As mobilizações ou projetos são cocriados com parceiros em alguns grupos da comunidade e entre os Vileiros, envolvendo objetivos comuns e diversidade de atores e beneficiários.

A gestão do Vila vai se transformando ao longo do tempo, a partir dos aprendizados e legados dos processos vividos, e acontece de forma horizontal, depen-

dendo do momento pode ser coletiva, com o envolvimento de todos os Vileiros, ou compartilhada, quando as definições são centralizadas em um grupo menor, comunicadas e validadas com o coletivo. Entende-se que o reconhecimento desta perspectiva híbrida vem do amadurecimento e do empoderamento das relações entre os Vileiros.

Torna-se importante lembrar que o conjunto arquitetônico é um espaço privado com finalidade pública. A ocupação dos espaços conta com o acolhimento de novos integrantes pelos Vileiros que atuam em áreas semelhantes ou complementares. Essa articulação produz conexões potentes e baseia-se no respeito aos membros que fazem parte do coletivo. Existem alguns pontos importantes que são considerados para a entrada de novos Vileiros, como a potencial contribuição da área de conhecimento do novo Vileiro para o ecossistema como um todo e o alinhamento com o propósito e a proposta colaborativa do Vila. Além disso, é cobrada a contribuição condominial, sendo composta pelo rateio dos custos mensais (água, luz, internet, limpeza e manutenção dos espaços comuns...) e a taxa associativa, que apoia a existência da Associação Cultural Vila Flores e a realização de projetos culturais, sociais e educativos e a comunicação de tudo que acontece no Vila. Assim, para dar conta das diferentes demandas decorrentes da ocupação do imóvel, definimos que a gestão de projetos de adequação dos espaços e das atividades que neles acontecem seria dividida entre três equipes: Administração e Imobiliário – trabalha as relações de demandas do condomínio, Arquitetura – gerencia aspectos ligados à revitalização do prédio e adequação ao uso, e Associação Cultural Vila Flores – faz a gestão cultural e de projetos que acontecem no Vila e em parcerias externas, bem como atua como proponente em projeto financiados pelo setor público e parcerias com outras organizações privadas.

A nossa tomada de decisão também varia de acordo com o contexto. Em necessidades mais urgentes, que envolvem o bem comum, as equipes tomam as decisões pensando no coletivo. Já, em relação às atividades e temas que serão priorizados nos espaços coletivos, é realizada uma reunião geral, com pauta pré-definida. Cada iniciativa tem direito a um voto para definir o que deverá ser feito e como. Assim, todos que fazem parte desse ecossistema e se sentem responsáveis por ele.

6 E PROCURAMOS COMPARTILHAR O CONHECIMENTO...

Eu poderia ficar falando infinitamente sobre isso, mas acho importante focar em alguns aspectos mais significativos e que podem servir de inspiração para outros coletivos. Compreendemos que, para a colaboração acontecer e ser eficaz a fim de desenvolver e identificar novas soluções para problemas, é preciso promover o compartilhamento de conhecimentos e aprendizados. Com isso, as iniciativas passam a ter mais escalabilidade, tanto em tamanho, quanto em impacto, aumentam a capacidade, reduzem os riscos ou facilitam a adaptação a ambientes em mudança.

No Vila, temos práticas e ferramentas para compartilhar conhecimento que são muito importantes para os Vileiros. Algumas são mais espontâneas ou informais, como um bate papo no pátio; outras mais estruturadas ou formais, como reuniões, eventos e projetos. Por outro lado, muitas ideias surgem, mas um número bem menor acaba sendo prototipado ou realizado. Por isso, entendemos o Vila como um espaço de experimentação, um laboratório vivo de relações e de cidadania. Outro ponto que acho importante é que nossas rotinas são permeadas por três aspectos: a afetividade, a intencionalidade e a relação com o entorno. Dito de outro modo, nossas trocas de saberes são feitas de forma aberta, com diálogo e escuta respeitosos e amorosos, comprometidos com o aprimoramento e desenvolvimento de todos e inspirados nas interações que temos com as pessoas que vivem ou convivem no entorno, pois só assim poderemos cocriar soluções colaborativas que façam sentido e dialoguem com o território.

Ainda temos alguns aspectos que dificultam o compartilhamento do conhecimento, como o tempo que pode ser uma forte barreira, uma vez que os Vileiros precisam conciliar as demandas de suas iniciativas com o engajamento nas prática de compartilhamento de conhecimento de forma intencional, mas entendemos que pode ser parte da estratégia individual de cada Vileiro que se beneficia do bem comum, do conhecimento compartilhado, gerando um ganho recíproco, potencializando a ampliação do valor e do impacto positivo da iniciativa.

Sabemos que ainda precisamos percorrer um bom caminho para ampliar os momentos de compartilhamento de conhecimento, formais e/ou informais, diante

do potencial e da diversidade existente no grupo de Vileiros e do propósito do Vila, que pode gerar ainda mais impacto positivo e valor social, potencializando soluções colaborativas mais efetivas, que se originam na construção de capacidades e conjugação de recursos existentes na nossa constelação de atores.

Uma coisa que aprendemos foi que as transformações sociais não são realizadas, isoladamente, por empreendedores solitários, mas são processos interativos moldados pelo compartilhamento coletivo de conhecimentos, entre uma diversidade de pessoas que constroem soluções para atender as necessidades sociais e promover o desenvolvimento social. Essas interações demandam tempo de relação e não apenas promovem a geração de novos conhecimentos, mas também ajudam os atores envolvidos a adquirirem e a desenvolverem capacidades.

7 SER VILEIRO: GANHOS NA RELAÇÃO

Quando olhamos mais atentamente as interações colaborativas do coletivo, percebemos que essas relações trazem ganhos para todos os envolvidos, em maior ou menor grau. Esses ganhos podem ser na **dimensão pessoal** que envolve tanto compreender o outro, como a melhoria de sua prática cotidiana; a **dimensão financeira** que passa pelo equilíbrio entre os aspectos financeiro, ambiental e social, traduzindo fortemente os valores sociais do coletivo. Também a **dimensão estratégica** quando as conexões possibilitam a ampliação da rede de relacionamentos e a **dimensão do conhecimento** que potencializa a cocriação de conhecimento decorrente de debates e entendimentos diversificados. Contudo, a dimensão mais intensa e característica do Vila é a **do coletivo** que envolve o propósito que tece as relações do coletivo, o engajamento nas interações para a construção de soluções e novas práticas sociais e o empoderamento na busca da justiça e equidade, vivendo a diversidade cotidianamente.

Esse conjunto de ganhos das relações, bem como o compartilhamento de conhecimento têm um papel bastante importante na transmissão da cultura e propósito do coletivo aos novos Vileiros, assim como a manutenção dos vínculos com os Vileiros quando estes saem do espaço físico do Vila, seja em projetos, ocupações eventuais dos espaços para atividades ou nas redes sociais. Os motivos para sair do

Vila são variados, por exemplo, iniciativas que se desenvolvem tanto que o espaço disponível não dá mais conta da operação ou o contrário e por necessidade de redução de custos não conseguem mais dar conta de pagar um espaço. Mas um motivo que me chama a atenção é quando não há uma sintonia mais intensa com o propósito e as práticas do coletivo, as iniciativas se desvinculam naturalmente.

Apesar de o Vila ser um conjunto arquitetônico privado, a sua finalidade pública e sua intencionalidade de colaboração e compartilhamento de conhecimento desde o início das interações entre os Vileiros forjaram os pilares desta iniciativa. As várias práticas de compartilhamento de conhecimento geram ganhos nas relações, que habilitam o coletivo a criar valor social, por meio de ações concretas para o bem-estar de grupos da comunidade do entorno e para a cidade, sendo um espaço relevante e acessível, pois promove formas alternativas e sustentáveis de viver em sociedade.

8 CHEGOU A VEZ DE OLHAR AS RELAÇÕES EXTERNAS

O Vila Flores é uma entidade responsável pela programação cultural do espaço e pela articulação junto ao poder público, à iniciativa privada e à sociedade em prol dos interesses da comunidade artística e criativa do Vila, buscando promover a integração com a comunidade do entorno. Por isso, nossas iniciativas sempre procuram envolver a comunidade, sendo ela o centro da iniciativa (ações exclusivas para a vizinhança) ou colaborando com ela (conversas com vizinhos, saídas de campo, oficinas). Para que possam entender melhor a importância e desafios de construir as ações junto com a comunidade, vou contar um pouco mais sobre o território do Vila.

9 O CONTEXTO HISTÓRICO

Se você nunca visitou o Vila Flores, é importante entender que ele está localizado na Rua São Carlos, esquina com a Rua Hoffmann, no bairro Floresta, em Porto Alegre (Rio Grande do Sul) - Figura 4. Nos últimos anos, a cidade passa por um período de deterioração como consequência da crise política e fiscal que atinge o governo estadual e o governo municipal. O bairro Floresta, por sua vez, tem histórico industrial e operário e por ele passam três vias principais da cidade: Av. Farrapos, Av. Cristóvão Colombo e Av. Voluntários da Pátria, misturando características comerciais e residenciais. Para quem visita pela primeira vez o bairro, fica evidente o contraste dos limites invisíveis, mas existentes, destas vias, que destacam o caráter conflituoso que possui o bairro. Por um lado, prostituição, tráfico e uso de drogas, e condições de vida e trabalho marginalizadas e vulnerabilizadas; enquanto isso, por outro lado, vemos o comércio tradicional de rua, grandes empreendimentos comerciais e apartamentos residenciais de luxo.

O Bairro Floresta ainda conserva em sua arquitetura um pouco da sua história. Com o início da urbanização acelerada pelo trânsito do bonde que circulava nas proximidades, passou a possuir características industriais e operárias, tanto que foi conhecido como “o bairro das chaminés”, pois lá passaram a se instalar grandes indústrias. Este tipo de concentração econômica deu origem à construção de residências destinadas a abrigar operários e suas famílias. O prédio é construído na década de 1920 para atender famílias de operários que vinham do interior do estado.

Figura 4 - Localização do Vila Flores



Fonte: Medroa (2019, p. 40)

Ao longo do tempo, com a fuga das indústrias, aumenta a degradação econômica do bairro aliada à do espaço físico. Com isso, surgiram novos atores no bairro, que desta vez se apresentam como marginalizados da sociedade, como é o caso das trabalhadoras do sexo, usuários e traficantes de drogas e dos catadores de resíduos. Como decorrência disso, hoje, o Bairro Floresta concentra aproximadamente 1% dos habitantes da cidade com um perfil de renda baixo. Apesar disso, ele é suficientemente residencial, um bairro tranquilo, com praças, escolas, crianças brincando e moradores passeando pelas calçadas. Ele é um bairro de cidade com características interioranas.

10 O CONTEXTO TERRITORIAL

Ao conviver no bairro, é possível identificar como existem múltiplos grupos que criam territórios demarcados de forma invisível: o território do comércio de rua, o dos serviços industriais, a parte residencial, o território da reciclagem, o da prostituição e o território do tráfico de drogas. Territórios que, apesar de invisivelmente demarcados, são visivelmente identificados pela diversidade de realidades socioeconômicas e que interagem entre si no cotidiano da região. A Avenida Cristóvão Colombo faz a divisa com o bairro Moinhos de Vento (bairro de classe alta) e se destaca pelo comércio tradicional de rua e moradias de classe média. A Av. Farrapos acolhe diversos pontos comerciais e é uma das principais vias de acesso à cidade, o que atribui ao bairro um fluxo significativo de pessoas durante o dia. Entretanto, à noite, quando o comércio local fecha, a zona atrai pessoas pela prostituição de rua. A própria Rua São Carlos, onde fica o Vila Flores, é conhecida por ser uma das ruas de prostituição com maior movimento da cidade.

Por fim, a Avenida Voluntários da Pátria marca o limite do bairro com o fim da cidade (Avenida Castelo Branco e o Rio Guaíba) e atualmente abriga cooperativas de catadores e recicladores de resíduos, além de ser reconhecida como ponto de tráfico de drogas. Nessa região, também está o Loteamento Santa Teresinha, conhecido na cidade como “Vila dos Papeleiros”. O Vila tem parceria com o Centro Social Marista Ir. Antônio Bortolini – CSM, que tem sede no Loteamento, para atuarem juntos na educação e inclusão cultural de jovens e adolescentes do bairro. Uma das ações realizadas em parceria foi a caminhada de reconhecimento do bairro com as crianças e jovens do Loteamento Santa Teresinha, promovida em conjunto com o projeto Apézito. Durante a execução dessa atividade, ficaram claros os limites invisíveis do bairro, já que muitos pais expressaram sua preocupação em relação ao trajeto a ser percorrido.

Esses múltiplos territórios têm sua própria cultura e, portanto, relacionam-se com o Vila de forma diferente. Algo que compreendemos com a presença do Vila na região é que todos têm necessidade por acesso a programações culturais, educativas e espaços de convívio e lazer. São esses espaços que criam a noção de pertencimento e de respeito às diferenças. Alguns grupos estão mais habituados e

socialmente “autorizados” a acessarem determinados espaços, e outros menos, pois são colocados à margem pela vulnerabilidade que o próprio sistema lhes impõe. O desafio de um espaço que se propõe acessível e democrático é justamente refletir sobre como os diferentes grupos se sentem convidados a participar dessa construção coletiva de lugar.

Quando o acesso à cultura por parte da vizinhança traz uma inclusão no sentido de pertencimento ao bairro e à cidade na sua forma mais complexa e diversa, sentimos que o Vila cumpre o seu papel. Para crianças e jovens, em especial, é uma forma de perceber criticamente seu contexto social e despertá-los para as possibilidades de transformar sua realidade individual e coletiva. Todas essas contradições fazem com que a existência de um centro cultural no meio de tantas vulnerabilidades sociais seja bastante desafiadora e, por isso mesmo, muito necessária.

11 CRIAÇÃO E SUSTENTAÇÃO DE VALOR

Quando me perguntam o que é o Vila, sempre achei difícil de responder em uma frase. Sua complexidade, multidisciplinaridade e constante mudança dificultam essa definição. Para entender melhor o que é o Vila, podemos dividir a explicação entre quem se relaciona com o Vila, os atores, como eles se relacionam e o que faz o coletivo existir. Os atores são todos os indivíduos, organizações ou instituições que, influenciados pelo contexto, de alguma forma, interagem através de relações. Cada ator possui uma relação diferente com o Vila e entre eles.

A Associação Cultural Vila Flores em si é o regente, visto que, sustentando suas ações na sua missão social, é ela quem direciona e integra os esforços da inovação social. Como introduzido antes, quem realiza as atividades do Vila é a rede de Vileiros (composta pelos Vileiros residentes e, também, por produtores culturais, artistas e educadores que não estão ligados diretamente ao espaço físico, mas sim à rede criativa e produtiva), com quem o Vila possui uma ligação de codependência (um não existe sem o outro). Os Vileiros que ocupam os apartamentos contribuem constantemente para a manutenção e conservação do patrimônio cultural arquitetônico. São agentes que valorizam e zelam pela existência deste lugar e sua materialidade histórica, pelo simples fato de escolherem conviver e trabalhar

aqui. O coletivo de Vileiros também é um verdadeiro exemplo de diversidade e de espaço democrático, já que eles convivem, no mesmo espaço coletivo e produtivo, organizações do terceiro setor, creche parental, negócios sociais, ateliês de artistas plásticos, estúdio de música, estúdios de arquitetos, entre outros.

Como já mencionado anteriormente, a comunidade local é composta por realidades culturais e socioeconômicas muito diversas. Existem moradores e comerciantes que estão na região há muitas décadas e que viram a transformação acontecer ao longo desse tempo. Viveram a enchente de 1942, lembram da passagem do balão Zeppelin por lá e, inclusive, contam-nos histórias incríveis de quando coletavam minhocas no terreno do Vila para ir pescar no Rio Guaíba, onde, na época, chegava-se caminhando, sem obstáculos para impedir a passagem. Imaginem que delícia!

Há, também, novos empreendedores, que, na última década, vêm chegando na região com seus pequenos negócios, geralmente ligados à economia criativa. A região também é conhecida por contar com muitos serviços de marcenaria, serralheria e fornecimento de insumos e maquinário. Essa característica atrai os negócios criativos que se abastecem desses serviços e insumos, potencializando não só os novos negócios, mas a economia tradicional do bairro.

Também compõem essa comunidade local, os moradores das vilas mais próximas, como a Vila Santa Teresinha, o loteamento que abriga centenas de famílias, que em sua maioria tiram sua subsistência do trabalho com a reciclagem. Algumas famílias trabalham nas ruas com os carrinhos de coleta e outras nos galpões de reciclagem. Muitos deles são formalizados como associações ou cooperativas, mas, mesmo assim, sofrem com a marginalização decorrente da atividade que exercem. É uma região com grande incidência de moradores de rua e que conta com diversos serviços de assistência social e fortalecimento de vínculo para essa população, que em sua maioria são conveniados à prefeitura, mas que tem mais demanda do que possibilidade real de atendimento.

A chegada do Vila neste território exigiu muita atenção e observação. Somente com o tempo e muita participação, passamos a compreender as diferentes realidades que compõem o território para elaborar formas de atuação coerentes com essas realidades. E a verdade é que seguimos em processo constante de aprendizado.

Desde seu surgimento, o Vila contou com diferentes parceiros estratégicos, que são atores independentes que interagem em conjunto conosco e que são motivados por uma missão social em comum. Começamos participando da “rede de sustentabilidade e cidadania da Vila Santa Teresinha e seu entorno”, que reunia os serviços de assistência social da região em encontros periódicos para discutir ações e projetos, pensando numa atuação coletiva dos serviços sociais do território. Algumas reuniões aconteciam no Vila, outras no Centro Social Marista Irmão Antonio Bortolini (CSM). Foi a partir de então que começamos a pensar em atividades realizadas conjuntamente.

O CSM, junto com a creche Marista, possui forte vínculo com a comunidade do Loteamento Santa Teresinha e cumpre um importante papel de liderança comunitária. Atuando na comunidade desde 2007, o CSM atende mais de 120 crianças e adolescentes entre 6 e 14 anos, através de oficinas culturais, didático-pedagógicas e atividades lúdicas, que estimulam o desenvolvimento das relações afetivas e sociais por meio do teatro, da música, dança, percussão e do esporte. Tendo os eixos de educação e cultura em comum, o CSM e o Vila Flores realizam atividades nessas áreas.

O projeto de Vila a Vila surgiu da parceria entre Vila Flores e Centro Social Marista e teve início em 2016 com o intuito de pensar e agir conjuntamente para a melhoria da qualidade de vida no território por meio de projetos culturais, artísticos e educativos de base comunitária e colaborativa. As ações hoje fazem parte de um programa que tem se expandido para mais comunidades da região. Além da relação com o CSM, as articulações também se dão junto às entidades Ksa Rosa, AINTESO, Cooperativa 20 de Novembro, Igualdade RS, Misturaí, Mulheres Mirabal, Fé e Alegria e com serviços de assistência social e fortalecimento de vínculo: Caps AD e Centro Pop. A Associação Cultural Vila Flores é reconhecida pelo Conselho Municipal da Criança e do Adolescente como SARA (Serviço de Apoio à Rede de Atendimento).

No programa, são oferecidas atividades educativas para o público jovem e infantil, bem como atividades formativas para o público adulto com foco na inserção produtiva e geração de renda, sempre considerando as vocações das comunidades envolvidas. O projeto de Vila a Vila busca oportunizar, às pessoas e às comunidades do território, a formação em atividades ligadas à economia da cultura, podendo

expandir as possibilidades de geração de renda e inclusão social. Da mesma maneira, contribuir para a democratização do acesso à cultura, atuando como catalisador na redução das desigualdades socioeconômicas do território.

A ONG Mulher em Construção também é um exemplo muito presente na constituição do Vila, visto que é uma organização que forma mulheres para o mercado da construção civil com o objetivo de promover o empoderamento feminino e reduzir as desigualdades de gênero. A ONG e o Vila começaram a atuar em conjunto quando ambos identificaram que poderiam ter uma relação ganha-ganha, pois o Vila precisava realizar reformas prediais enquanto a ONG buscava um lugar para colocar em prática seus cursos de formação. Diferentemente do CSM, que já atuava no contexto, a ONG criou um vínculo mais próximo conosco por participar desde o início da nossa reconfiguração. Atualmente, o Vila, a ONG Mulher em Construção e o Estúdio Sarasá desenvolvem o projeto Canteiro Vivo, que forma mulheres para atuar na conservação, zeladoria e restauro do patrimônio cultural arquitetônico.

Por fim, o Vila promove atividades em conjunto com ativistas sociais, que estejam alinhados à missão social. Um exemplo disso está na seleção dos Vileiros. Todas as iniciativas e coletivos que residem no Vila estão ligados direta ou indiretamente a algum tipo de ativismo social: economia sustentável, empoderamento feminino, segurança afetiva, educação para todos, ocupação do espaço urbano, afro empreendedorismo, causa LGBTQIA+.

Aqui, praticamos a micropolítica porque acreditamos que sempre é momento de problematizar e de criar as propostas que queremos ver. Por isso, também incentivamos e provocamos discussões de novas causas, mantendo-nos sempre abertos a ouvir as necessidades da sociedade. Dessa forma, ajudamos no empoderamento de grupos sociais minorizados, que encontram no espaço um ambiente acolhedor e incentivador para debater suas questões.

Nós percebemos que existem diferentes estímulos que, conjugados, explicam por que o Vila surgiu neste contexto e nos moldes em que atua. O primeiro deles é a oportunidade, que, como família, identificamos lá no início, quando recebemos os predinhos como herança, em estado grave de degradação estrutural. Na planta original dos prédios, já eram considerados espaços de uso comum, como banheiros e cozinhas, além das sacadas estarem voltadas para o pátio interno (que ocupa boa

parte do terreno), sugerindo uma interação maior entre os vizinhos. Além disso, tinha uma área destinada a um galpão de uso comercial e que hoje é usado como espaço comum para eventos, encontros, atividades educativas e culturais, como se o galpão e o pátio fossem o coração, o centro de onde toda energia coletiva é emanada.

Então, o Vila de hoje é uma releitura contemporânea das práticas colaborativas originais do prédio. A semente de um espaço colaborativo já estava desenhada pelo arquiteto Joseph Lutzenberger na década de 20. Os arquitetos de hoje, como meu irmão e seus colegas de profissão que são grandes parceiros nessa verdadeira jornada arquitetônica chamada Vila Flores, tiveram a sensibilidade de identificar essa característica preciosa do projeto original e potencializá-la.

No entanto, além da oportunidade surgida a partir da herança de uma propriedade, foram as motivações pessoais para empreender socialmente que fizeram a diferença e serviram de motivação. Poderia ser mais fácil se vendêssemos o espaço, mas decidimos seguir por outro caminho. A profunda compreensão de que não é possível realizarmos nada sozinhos e que uma propriedade por si só é algo esvaziado de sentido se não cumpre a sua função social, motivou-nos a ressignificar as edificações, através de um grande esforço coletivo em devolver para a cidade a sua memória e escrever novas narrativas para esse patrimônio que, hoje, faz parte de sua história. Somos, portanto, um coletivo de empreendedores sociais e criativos.

Hoje, compomos uma equipe de gestão que atua em três frentes: (i) a condominial, que cuida das questões relacionadas à locação dos espaços de trabalho e ao bom funcionamento destes, (ii) a arquitetônica, que cuida das reformas, restauros e das ações de preservação e (iii) a educação patrimonial e a cultural que cuidam da realização e divulgação das atividades abertas ao público, da articulação entre o público externo e interno e da manutenção das redes de colaboração. Assim como eu, todos do núcleo familiar fazem parte dessa equipe de gestão, que é bastante multidisciplinar e está sempre buscando ferramentas e metodologias para atuar em horizontalidade e colaboração e em constante revisão de seus processos de gestão.

A nossa missão social é motivada pelas adversidades identificadas na comunidade local. Essas adversidades são tanto a não satisfação de necessidades humanas, quanto as dinâmicas de exclusão social provocadas pela ausência das instituições. Pensando em necessidades não atendidas via mercado, notou-se que havia no con-

texto uma carência por consumir e produzir cultura. Além disso, a quantidade de Vileiros que possui empreendimentos sociais sugeria que havia uma necessidade em empreender de forma colaborativa, através de rede e não de competição. Por sua vez, existem dinâmicas de exclusão social no bairro, que se mostram na falta de senso de pertencimento que, por sua vez, traduz-se na falta de orgulho e de identificação com o bairro e na carência afetiva e de oportunidades de mobilidade social dos indivíduos marginalizados.

Movidos pelos estímulos, a forma como os atores se relacionam com o Vila é um dos fatores que gera o desenvolvimento local. Uma característica própria são as relações colaborativas num sentido mais amplo, apresentando-se tanto na forma de gerenciar o empreendimento social, como na constituição das parcerias estratégicas. Como expliquei sobre a governança, nosso formato de gestão intercala momentos de horizontalização e verticalização e com maior ou menor participação dos Vileiros na mesma. Além disso, os espaços físicos divididos influenciam também a estratégia e estrutura dos empreendimentos dos Vileiros. Muitas vezes, na hora de lançar um serviço ou um produto, eles levam em consideração o que as pessoas que convivem com eles têm a dizer

O Vila também se relaciona com os atores por meio da promoção de iniciativas alinhadas com a nossa missão social. Com isso, o Vila acabou se tornando, na cidade, referência de práticas colaborativas e de inovação social. Hoje, esse pioneirismo atrai novas iniciativas (culturais e empreendedoras) ao bairro Floresta. Sabemos que, antes, já existiam atores com esse perfil empreendedor e artístico na região, mas a vizinhança percebe um aumento dessas iniciativas após a recuperação do Vila. Seu poder catalizador fica mais evidente nas relações construídas com os atores ativistas sociais, que se sentem acolhidos no espaço do Vila para, não só idealizar iniciativas, como também para ampliar suas atividades e visibilidade através de eventos e debates promovidos e realizados no Vila.

No bairro, existem muitos vizinhos que participam das atividades e veem valor na ativação do espaço. Porém, uma parcela da vizinhança ainda não consegue compreender totalmente o trabalho que o Vila realiza na comunidade. Apesar dos nossos esforços para aproximá-los, com a realização de eventos culturais, muitos deles envolvendo música, alguns vizinhos passaram a se sentir afetados pelo som, associando o Vila a “barulho”. Quanto à relação com as trabalhadoras do sexo

que atuam na mesma rua, compreendemos que o fluxo de pessoas que circulam no bairro aumentou após a ativação do Vila. Quem consome prostituição procura zonas reservadas e com baixa movimentação e, com a movimentação gerada pelas atividades do Vila e dos Vileiros, o trabalho das prostitutas acaba sendo afetado, principalmente em dias de eventos. Tentamos mitigar esse conflito afinando a comunicação ao divulgar a programação mensal nas paredes externas do prédio e no *drive in* onde elas trabalham, além de construir bancos na calçada para que elas possam se sentar. Alguns vizinhos achavam que a prostituição sairia da região com as atividades do Vila, porém a nossa perspectiva sempre foi contrária: as trabalhadoras do sexo sempre estiveram nesse local. Tínhamos que criar condições de convívio e respeito entre todos os grupos que compõem a diversidade do bairro: precisamos nos acolher como seres humanos com toda a riqueza de características (Figura 5).

Figura 5 - Adaptação dos Arredores do Vila Flores



Fonte: Medroa (2019)

Fonte: Medroa (2019, p. 76)

12 DESAFIO

A inspiração deste capítulo é refletir sobre a transformação gerada por meio de uma inovação social, a partir de um caso real. Convidamos os professores e seus alunos a construir sua percepção sobre a potência do impacto social de iniciativas, tanto na perspectiva interna dos atores envolvidos nas práticas colaborativas, quanto em relação ao território no qual a iniciativa está inserida. A criação e sustentação do valor social não passa somente pela entrega de uma solução para um problema, mas envolve a processualidade da construção coletiva que se inicia na identificação e compreensão profunda sobre o problema social, passando pela articulação de uma diversidade de atores e valorização de saberes e valores locais, bem como pela recombinação de práticas sociais que levam a novas percepções e formas de organização, potencializando aprendizados e desenvolvimento para todos os envolvidos. Apesar de instigante, este processo é cheio de desafios, como você já deve ter percebido ao longo da leitura. Convidamos, você, a construir cenários e visões coletivas sobre a potência da inovação social para gerar impacto e transformar a realidade das comunidades e da sociedade.

NOTAS DE ENSINO

1. RESUMO DO CASO

Este caso, cujas reflexões são endereçadas ao eixo Transformações geradas pela Inovação social, apresenta o coletivo Vila Flores, um empreendimento social entendido pelos seus membros (Vileiros) como um espaço de experimentação, um laboratório vivo de relações e de cidadania. Os eixos de atuação são: (i) arte e cultura, (ii) educação, (iii) empreendedorismo e (iv) arquitetura e urbanismo. A partir desses eixos, busca colaborar com a mudança de paradigmas sociais e econômicos,

tendo a diversidade e o impacto social como aspectos estratégicos. O valor social do complexo Vila Flores é composto por: a) transformação das relações comunitárias no 4º Distrito de Porto Alegre por meio de micro revoluções a partir da arte, educação e cooperação; e b) oportunidades de cultura e empreendedorismo para a comunidade do entorno. Os Vileiros entendem que o Vila Flores é multifacetado por natureza, pois não se refere somente ao espaço físico, mas também às pessoas que ocupam o espaço. Além disso, percebem que a colaboração é um processo de aprendizagem e de geração e compartilhamento de valor e sentido. As mobilizações ou projetos são cocriados com parceiros em alguns grupos da comunidade e entre os Vileiros, envolvendo objetivos comuns e diversidade de atores e beneficiários.

2. OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

1. Compreender as características de uma inovação social, considerando a integração da missão social e a sustentabilidade financeira.

2. Identificar os aspectos que caracterizam o coletivo como um empreendimento social.

3. Discutir como se dá a interação entre os atores e quais os ganhos nessa relação, considerando a alta rotatividade e as mudanças no coletivo.

4. Refletir sobre os impactos que o coletivo gera na comunidade e no entorno, compreendendo como se dá o convívio com os diferentes atores e sua influência nos diferentes perfis.

3. PÚBLICO-ALVO:

Este caso é destinado aos estudantes dos níveis de graduação e de pós-graduação *Lato Sensu*.

4. QUESTÕES PARA DISCUSSÃO

- a) Quais as características do coletivo Vila Flores que indicam que sua atuação pode ser entendida como uma iniciativa de inovação social?
- b) Pensando na perspectiva de sustentabilidade do coletivo, quais os aprendizados mais significativos ao longo do tempo? Comente os aspectos sociais, ambientais e econômicos.
- c) Considerando que os Vileiros entendem o Vila Flores como uma comunidade criativa em constante mutação, quais os aspectos mais significativos no que se refere à entrada de novos membros e aos ganhos das relações?
- d) Quais pontos refletem a característica do Vila Flores como um empreendimento social?
- e) Com base no conceito de desenvolvimento local, quais são os principais elementos do caso Vila Flores que demonstram seu impacto na Comunidade (Vila Santa Teresinha e Vizinhança)?

5. SUBSÍDIOS PARA O DEBATE

5.1 INOVAÇÃO SOCIAL

Ao longo do tempo, tem-se percebido a necessidade de buscar soluções sustentáveis para problemas cada vez mais desafiadores. As inovações sociais focam na busca de soluções efetivas e coletivas para o enfrentamento das crises e problemas sociais que são altamente complexos (HOWALDT; KALETKA; SCHRÖDER, 2016; MOULAERT *et al.*, 2005; MULGAN, 2006), tais como: os efeitos decorrentes das mudanças climáticas, migrações em massa, crise socioeconômica, entre outros; de forma a melhorar a vida das pessoas e das comunidades. Há um consenso crescente de que a inovação social é necessária para lidar com os desafios

que as sociedades enfrentam agora e no futuro (BIGNETTI, 2011; GRIMM *et al.*, 2013).

A inovação social não tem um conceito único, uma vez que as dinâmicas são bastante diversas dificultando agrupá-las em uma definição específica. Moulaert *et al.* (2005) e Mulgan (2012) entendem a inovação social como uma nova combinação de práticas sociais em certas áreas de ação ou contextos sociais com o objetivo de melhor satisfazer ou responder às necessidades e problemas sociais. Cajaíba-Santana (2014) destaca que as inovações sociais são imateriais, centradas na construção de ativos, manifestando-se por meio de mudanças de atitudes, comportamentos ou percepções, resultando em novas práticas sociais e mudanças no contexto social em que estas ações acontecem, através da criação de novas instituições e novos sistemas sociais.

Por outro lado, existe consenso em relação aos aspectos que caracterizam as inovações sociais, por exemplo: a intencionalidade da transformação social (CORREIA *et al.*, 2018), a ampla participação dos atores (HOWALDT; DOMANSKI; KALETKA, 2016; HULGÅRD; FERRARINI, 2010), a melhoria de condição e a qualidade de vida de um grupo ou da sociedade (BOUCHARD, 2012; MOULAERT *et al.*, 2005; MURRAY; CAULIER-GRICE; MULGAN, 2010), entre outros.

5.2 SUSTENTABILIDADE

A sustentabilidade de uma iniciativa de inovação social apoia-se nos pilares do desenvolvimento sustentável: economicamente viável, socialmente justo, ecologicamente correto, bem como é fortemente influenciada por aspectos culturais e pelo contexto no qual se insere.

Em abril de 1987, a Comissão Brundtland, como ficou conhecida, publicou um relatório inovador, “Nosso Futuro Comum” – que traz o conceito de desenvolvimento sustentável para o discurso público: “O desenvolvimento sustentável é o desenvolvimento que encontra as necessidades atuais sem comprometer a habilidade das futuras gerações de atender suas próprias necessidades” (BRUNDTLAND, 1987, p.41).

Após vários encontros internacionais sobre sustentabilidade, em 2015, foi divulgada a Agenda 2030 - Transformando o nosso mundo, com os compromissos globais voltados para a sustentabilidade e criados os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) que são uma proposição orientadora global à ação para acabar com a pobreza, proteger o meio ambiente e o clima e garantir que as pessoas, em todos os lugares, possam desfrutar de paz e de prosperidade. Os ODS são compostos por 17 objetivos e 169 metas, tendo como lema: “Não deixar ninguém para trás!”. Por isso, foram construídos, contemplando as cinco áreas de importância crucial para a humanidade e o planeta: Pessoas, Planeta, Prosperidade, Paz e Parcerias (ONU, 2015).

5.3 GANHOS DAS RELAÇÕES

Na medida em que acontece a mobilização e interação dos atores sociais, é provocada uma redefinição de práticas que impulsionam a adoção de uma nova gestão das relações sociais e redireciona o estabelecimento de novas formas de fazer as coisas, seja através do desenvolvimento de novos serviços, processos, produtos ou novas formas de organização das relações sociais (HOWALDT; DOMANSKI; KALETKA, 2016).

As práticas colaborativas promovem a construção de estratégias coletivas que criam uma fonte inimitável de recursos, gerando ganhos relacionais, uma vez que os atores envolvidos na iniciativa têm acesso relevante a informações, compartilhamento de conhecimento, complementaridade de recursos, investimentos específicos de relacionamento e governança efetiva (BALESTRIN; VERSCHOORE; PERUCIA, 2014). Assim, a dinâmica de interação entre esses fatores impulsiona a criação e a captura de valor e constitui coletivamente soluções legítimas e profundamente conectadas com o contexto (DYER; SINGH, 1998; DYER; SINGH; HESTERLY, 2018, HOWALDT; DOMANSKI; KALETKA, 2016).

Os ganhos relacionais podem ser percebidos a partir da geração de valor decorrente das relações entre os atores ao longo do tempo e podem ser classificados em cinco dimensões: valores pessoais, valores financeiros, valores de conhecimento,

valores estratégicos e valores coletivos (BIGGEMANN; BUTTLE, 2012; SILVA, 2020).

5.4 EMPREENDEDORISMO SOCIAL - ALINHAMENTO DE PROPÓSITOS E PRÁTICAS

Os empreendimentos sociais partem de um posicionamento estratégico que desenvolve atividades econômicas, agregando dois marcos essenciais: a sustentabilidade financeira e a geração de valor social – impacto e benefícios sociais (YUNUS, 2010). Nas últimas décadas, houve uma mudança significativa nas organizações e sua relação com o desenvolvimento e transformação social. Tanto as empresas convencionais, incluindo o impacto social positivo como parte de sua estratégia de negócios, como as organizações sociais qualificaram sua atuação, adequando estratégias empresariais de gestão e geração de recursos para o âmbito filantrópico (WILTSHIRE; MALHOTRA; AXELSEN, 2018).

Uma das mudanças mais significativas foi o surgimento e consolidação dos empreendimentos sociais que são considerados modelos de negócios híbridos. Dito de outro modo, o produto ou serviço oferecido diretamente gera impacto social, não se trata de um projeto ou iniciativa separada do negócio e sim de sua atividade principal. Esses empreendimentos são percebidos como novas maneiras de se minimizar os passivos sociais que contribuem com o ciclo da pobreza e da exclusão da população, de forma escalável (ASSAD, 2012).

Os empreendimentos sociais caracterizam-se por dinamizarem ações economicamente viáveis, que têm como propósito atender às necessidades de pessoas que vivenciam limites de acesso aos serviços básicos, permitindo que elas se desenvolvam e tenham uma vida digna. Em alguns casos, esses empreendimentos diferenciados também adotam processos internos e formas de gestão colaborativos e horizontais, com ampla participação das pessoas envolvidas (PETRINI; SCHE-RER; BACK, 2016).

5.5 DESENVOLVIMENTO LOCAL

Um dos principais autores no debate sobre inovação social e desenvolvimento local é Frank Moulaert, que depois de quatro anos de trabalhos liderados por ele no grupo *Social Innovation, Governance and Community Building – SINGOCOM*, criou um Modelo Alternativo de Inovação Local – ALMOLIN. O ALMOLIN possui caráter interdisciplinar pois é resultado da reflexão sobre teorias de diversas áreas do conhecimento. Assim, traz uma perspectiva holística, dispondo os elementos da inovação social sob a influência de dois eixos: tempo e espaço. Além disso, o modelo considera uma perspectiva histórica e a influência da escala espacial (bairro, cidade, região, território) para compreender as dinâmicas da inovação social (MOULAERT *et al.*, 2005), permitindo a discussão de alguns conceitos como governança, comunidade e vulnerabilidade social (MEDROA, 2019; MEDROA; SANTOS; SOUZA, 2020). Inspirada no ALMOLIN e com base nas evidências do caso Vila Flores, Medroa (2019) propõe um modelo para ajudar na compreensão da inovação social e do desenvolvimento local (Figura 6). O modelo é composto por cinco categorias: (i) contexto da inovação social, (ii) atores da inovação social, (iii) estímulos da inovação social, (iv) relações entre os atores e (v) resultado da inovação social.

Figura 6 – Modelo Dinâmico da Inovação Social e Desenvolvimento Local



Fonte: Medroa (2019)

Fonte: Medroa (2019, p. 51)

Este modelo busca apontar a influência do contexto da inovação social na atuação dos atores envolvidos e nos estímulos para a inovação social. Essa influência se apresenta por meio da dependência da trajetória e das especificidades locais. A presença desses atores no contexto combinada com os estímulos para a inovação social, dando origem à inovação social *per se*. O ator da inovação social constrói relações diferentes com cada tipo de agente envolvido no processo. Destas relações, surge o resultado da inovação social. O resultado da inovação é o preenchimento dos vazios institucionais (AGOSTINI, 2017) ao mesmo tempo que gera o empoderamento dos agentes da comunidade. A seta que une o resultado com o contexto exemplifica o dinamismo do modelo, já que o empoderamento gerado pelas relações de inovação social retroalimentam o ciclo, modificando o contexto da inovação social, construindo uma nova realidade ao longo do tempo e podendo, assim, até alterar o perfil dos atores e os estímulos da inovação social.

6. MATERIAIS DE APOIO À DISCUSSÃO

- Vídeos: 1. Webdocumentário Vila Flores — Território e Memória (04 episódios)
<https://vimeo.com/channels/vilafloreswebdoc?fbclid=IwAR2yz32KCUyie-JMV-hK4yY4Q5az3oRx9RTI5al7hSh1j3trQBNK4Yjv5jXY>
 Episódio 1 - https://www.youtube.com/watch?v=fW5-Tu_skY8
 Episódio 2 - <https://www.youtube.com/watch?v=PO5FivTelUs>
 Episódio 3 - <https://www.youtube.com/watch?v=IC9QybhOJTg>
 Episódio 4 - <https://www.youtube.com/watch?v=E8DAVAgjl-U>
- Site: <http://vilaflores.org/>
- Redes Sociais: Instagram - @vilaflorespoa / Facebook - Vila Flores

REFERÊNCIAS

AGOSTINI, Manuela Rösing. **O processo de inovação social como resposta aos vazios institucionais**: uma análise multidimensional em diferentes contextos sociais. Tese (doutorado) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2017.

ASSAD, Fernando Amiky. **Negócios sociais no Brasil**: oportunidades e desafios para o setor habitacional. 2012. 143 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

- BALESTRIN, Alsones; VERSCHOORE, Jorge Renato; PERUCIA, Alexandre. A visão relacional da estratégia: evidências empíricas em redes de cooperação empresarial. **BASE** -Revista de Administração e Contabilidade da Unisinos (ISSN: 1984-8196), v. 11, n. 1, p. 47-58, 2014.
- BIGGEMANN, Sergio; BUTTLE, Francis. Intrinsic value of business-to-business relationships: An empirical taxonomy. **Journal of Business Research**, v. 65, n. 8, p. 1132-1138, 2012.
- BIGNETTI, Luiz Paulo. As inovações sociais: uma incursão por ideias, tendências e focos de pesquisa. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 47, n. 1, p. 3-14, 2011.
- BOUCHARD, Marie J. Social innovation, an analytical grid for understanding the social economy: the example of the Québec housing sector. **Service Business**, v. 6, n. 1, p. 47-59, 2012.
- BRUNDTLAND, Gro Harlem; COMUM, Nosso Futuro. Relatório Brundtland. Our Common Future: **United Nations**, 1987.
- CAJAIBA-SANTANA, Giovany. Social innovation: Moving the field forward. A conceptual framework. **Technological Forecasting and Social Change**, v. 82, p. 42-51, 2014.
- CORREIA, Suzanne Nóbrega *et al.* Inovação Social para o Desenvolvimento Sustentável: um caminho possível. **Administração Pública e Gestão Social**, v. 10, n. 3, p. 199-212, 2018.
- DYER, Jeffrey H.; SINGH, Harbir. The relational view: Cooperative strategy and sources of interorganizational competitive advantage. **Academy of Management Review**, v. 23, n. 4, p. 660-679, 1998.
- DYER, Jeffrey H.; SINGH, Harbir; HESTERLY, William S. The relational view revisited: A dynamic perspective on value creation and value capture. **Strategic Management Journal**, v. 39, n. 12, p. 3140-3162, 2018.
- FOLHA DE SÃO PAULO. **Vila Flores** - Prédios abandonados em Porto Alegre são revitalizados e viram centro cultural. Disponível em: <<https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/45841-vila-flores>>. Acesso em: 18 dez. 2021.
- GRIMM, Robert *et al.* Social innovation, an answer to contemporary societal challenges? Locating the concept in theory and practice. **Innovation: The European Journal of Social Science Research**, v. 26, n. 4, p. 436-455, 2013.
- HOWALDT, Jürgen; DOMANSKI, Dmitri; KALETKA, Christoph. Social Innovation: towards a new innovation paradigm. **RAM**. Revista de Administração Mackenzie, v. 17,

p. 20-44, 2016.

HULGÅRD, Lars; FERRARINI, Adriane Vieira. Inovação social: rumo a uma mudança experimental na política pública?. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 46, n. 3, p. 256-263, 2010.

MEDROA, Karen Frances. **Inovação social e a transformação da comunidade e do entorno**: o caso do Vila Flores em Porto Alegre. Dissertação (Mestrado em Administração) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2019.

MEDROA, Karen; SANTOS, Ana Clarissa Matte Zanardo; SOUZA, Ana Clara Aparecida Alves. Inovação Social e Desenvolvimento Local: um olhar a partir da Grounded Theory. **ENANPAD 2020, 2020, Brasil**, 2020.

MOULAERT, Frank; MARTINELLI, Flavia; SWYNGEDOUW, Erik; GONZALEZ, Sara. Towards alternative model (s) of local innovation. **Urban studies**, v. 42, n. 11, p. 1969-1990, 2005.

MULGAN, Geoff. The process of social innovation. **Innovations: technology, governance, globalization**, v. 1, n. 2, p. 145-162, 2006.

MULGAN, Geoff. The theoretical foundations of social innovation. In: **Social innovation**. Palgrave Macmillan, London, 2012. p. 33-65.

MURRAY, Robin; CAULIER-GRICE, Julie; MULGAN, Geoff. **The open book of social innovation**. London: Nesta, 2010.

ONU, Transformando o nosso mundo. A Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável **Plataforma 2030**, 2015. Disponível em: <http://www.itamaraty.gov.br/images/ed_de-sensust /Agenda2030-completo-site.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2021.

PETRINI, Maira; SCHERER, Patrícia; BACK, Léa. Modelo de negócios com impacto social. **Revista de Administração de Empresas**, v. 56, p. 209-225, 2016.

SECC – Secretaria Estadual da Comunicação Social e da Cultura Patrimônio Cultural. **Tombamentos** – conceitos . Paraná. Disponível em: <<https://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=4>>. Acesso em: 18 dez. 2021.

SILVA, Marcia Santos da. **Compartilhamento de conhecimento e ganhos relacionais em iniciativas de inovação social**: um estudo de caso sob a perspectiva da visão relacional. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2020.

WILTSHIRE, Kenneth; MALHOTRA, Aastha; AXELSEN, Micheal. **Transfor-**

mational leadership and not for profits and social enterprises. New York: Taylor & Francis, 2018.

YUNUS, Muhammad. **Criando um negócio social:** como iniciativas economicamente viáveis podem solucionar os grandes problemas da sociedade. Elsevier, 2010.